

El Silencio. Una pedagogía en la vida y ministerio del presbítero

Aerton Marcos De Sousa y Silva*

Sumario

En medio de una cultura en la que se destaca la construcción verbal de la comunicación, el autor sostiene que el silencio es también un medio comunicativo para todo ser humano y, por tanto, para los presbíteros y para quienes, habiendo sentido el llamado, se preparan para asumir este ministerio.

El artículo desarrolla el tema del silencio desde tres dimensiones de la vida y ministerio del presbítero: humana, espiritual y pastoral. Desde cada una de ellas el texto ofrece elementos que permiten reconocer la importancia del silencio en la vida de los presbíteros y su lugar como legítima expresión de la caridad pastoral.

* Sacerdote de la Arquidiócesis de Teresina – Brasil. Licenciado en Teología con énfases en Formação sacerdotal por el Instituto Teológico Pastoral para América Latina - ITEPAL en convenio con la Pontificia Universidad Bolivariana. Bogotá, Colombia. Su trabajo de grado se tituló “O silencio instrumento pedagógico no processo de formação sacerdotal”. Actualmente entre otras labores pastorales se desempeña como formador asistente de los seminaristas de la Arquidiócesis de Teresina. Email aertonmarcos@hotmail.com



Finalmente, en la cuarta parte afirma que el silencio es una pedagogía testimonial para la formación permanente de los presbíteros. Sólo desde esta pedagogía, afirma el autor, el ministro ordenado puede conseguir y alimentar un auténtico diálogo con Dios, con los otros y consigo mismo.

Palabras clave: Silencio, Pedagogía, Presbítero, Sagrada Escritura, Formación sacerdotal.

Silence. A Pedagogy in the Life and Ministry of Priests

Abstract

In a culture where verbal construction in communication is valued, the author makes the claim that silence is also a means of communication for every human being. This is relevant for priests and those who have answered the call and are preparing to assume this ministry.

The article develops the theme of silence in three dimensions of the life and ministry of the priest: the human, spiritual and pastoral. The text offers elements from each one that helps us to value silence in the life of priests and its importance as a legitimate expression of pastoral care.

Finally, silence is presented as a means of pedagogical witness in the permanent formation of priests. The author claims that only from this pedagogy, the ordained minister may attain and nourish authentic dialogue with God, with others and with oneself.

Key words: Silence, Pedagogy, Priest, Sacred Scripture, Priestly Formation



Introdução

De acordo com a lógica, “não existe pior conversação que a que se embasa no discorrer ou escrever sobre o silêncio” (Fisichella, 1992, p. 1370), mas, ao considerar que silenciar é uma experiência fundamental do humano, tal realidade se constitui também um elemento indispensável à vida e ao ministério dos presbíteros¹. Desde o processo inicial da formação ao sacerdócio o silêncio deve ser tomado como uma pedagogia viável e uma necessidade concreta para a vida e prática pastoral da Igreja (OT, 4).

Partindo dos dicionários, a primeira observação a ser feita é a de que o termo “silêncio” tem variados sentidos, podendo ser entendido como: fórmula não verbal ou gesto de interação (Tomaz, 2008), “falta ou cessação de barulho; interrupção de qualquer ruído; estado da pessoa que se cala ou se abstém da fala; sossego, paz, calma, mudez, escravidão etc.” (Dall’Agnol, 2007, p. 12). Ao contrário do que se poderia pensar, o fato de o silêncio ter significados diferentes não o fragmenta, mas, ao contrário, isso o consolida como um termo linguístico e, por conseguinte, uma via para transmissão de ideias, valores, experiências (Serra, 2001). Assim, a apreciação do silêncio vai muito além da ausência de sons.

Segundo Blach (1987), “os místicos de todas as épocas e regiões – tanto ocidentais como orientais – não cansam de afirmar a necessidade de calar, não só a língua, mas as sensações e os desejos” (p. 651). Dessa forma, o silêncio é, sobre tudo, uma respeitável maneira de o ser humano se comunicar com Deus, com os outros e consigo mesmo.

¹ Biblicamente é o termo utilizado para designar o ancião, o adulto, já experimentado na vida, que se tornou sábio, mestre, conselheiro e guia. Aquele que recebe o segundo grau do sacramento da Ordem, também chamado “Padre” ou “Sacerdote” (Directrizes para a formação dos presbíteros da igreja no Brasil a partir de agora, DFPIB, 61-63, CNBB, 2010).



Somos educados numa cultura onde o interesse linguístico está centrado na articulação da palavra e na construção verbal da comunicação (Torrallba, 2002). Aparentemente, quem fala existe e quem cala apenas consente. Em meio a essa realidade, agitada e barulhenta, despertam as vocações ao ministério sacerdotal. Por isso, no presente texto, o quarto capítulo da dissertação sobre “O silêncio como um instrumento pedagógico no processo de formação sacerdotal” (Aerton, 2012), desenvolve-se o pensamento a respeito da importância desse meio comunicativo para a vida e ministério dos presbíteros; um elemento de sua formação permanente e expressão da caridade pastoral.

Segundo Bento XVI (2012), “silêncio e palavra são, ambos, elementos essenciais e integrantes da ação comunicativa da Igreja para um renovado anúncio de Jesus Cristo no mundo contemporâneo”. Assim, a presente reflexão não acentua o aspecto negativo que o silêncio pode assumir, mas defende seu sentido positivo: um contraponto aos excessos da fala.

A partir dessas iniciais palavras já é possível avançar nessa leitura com a afirmativa de que o silêncio é essencial ao ser humano, seja ele aluno ou pedagogo, formando ou formador. Como afirma Blanch (1987), aquele que ama o silêncio encontrará no próprio silêncio a melhor e também, por vezes, a mais eficiente forma de comunicação.

1. A pedagogia do silêncio na dimensão humana

A solidão pode ser uma boa oportunidade para a vida de oração e de estudos; uma ajuda para a santificação e o crescimento humano. Assim sendo, considere-se que não é capaz de uma verdadeira e fraterna comunhão, com Deus e com o próximo, quem não sabe viver ou não busca aprender a administrar bem o próprio silêncio. Ao apontar o silêncio como um elemento indispensável à formação permanente dos presbíteros, é importante ressaltar que a finalidade de tal prática não é a de defender o isolamento, mas a de garantir a íntima colegialidade daqueles que participam do sacerdócio de Cristo (Gerardi, 1989).

1.1. Um ato de reverência e acolhida à história (palavra) do outro

O primeiro contato de um presbítero com uma comunidade ou serviço eclesial é sempre revestido de grandes anseios e expectativas. Por isso, a sobriedade discursiva daquele que chega deve demonstrar seu desejo de acolhida e respeito à história da comunidade que o recebe. Os presbíteros, pela caridade pastoral, devem aceitar, antes de tudo, “conhecer e partilhar a cruz e os sofrimentos, as alegrias e as esperanças do povo” (DFPIB, 263).

Toda pessoa madura precisa de hábitos, disciplina e ordem para realizar uma tarefa de maneira eficaz. O presbítero, segundo o ofício encomendado, tem o dever de administrar seu tempo e organizar seu ritmo para conseguir responder às distintas tarefas a ele confiadas; atividades que devem ser realizadas com espírito servicial, mas também com digna preparação e competência. Para isso necessário dedicação temporal à “arte” de aprender a aprender e, inclusive, aprender pela escuta (PCAL, 2009).

Pelo Sacramento da Ordem, que vai além do rito público, celebra-se a disponibilidade pela qual “o presbítero [...] é chamado a ser entre os demais batizados o construtor da comunhão e da unidade da comunidade” (Moro, 1997, p. 91). Assim, todo presbítero é convidado a viver, com fidelidade, a comunhão como um compromisso sacerdotal que implica renúncias pessoais, inclusive a da fala. Como observa Schinella (2005), às vezes, “escolher o silêncio é como jejuar” (p. 1052), renunciar às próprias vontades.

1.2. Uma característica da colegialidade sacerdotal

A missão dos presbíteros, que se fundamenta na escuta atenta da Palavra de Deus, no aprofundamento, na interpelação e na interiorização de seus conteúdos, antes de ser anúncio é contemplação (Favale, 2005). Conforme o Decreto Presbyterorum Ordinis:

Cristo, para continuar no mundo a fazer incessantemente a vontade do Pai mediante a Igreja, atua realmente pelos seus ministros [...]. Por isso, a caridade pastoral exige que os presbíteros, para que não corram em vão, trabalhem



sempre em união com os bispos e com os outros irmãos no sacerdócio (n. 14).

Essa comunhão dos presbíteros se concretiza através das reuniões, encontros, dos momentos de espiritualidade e retiros; no trabalho realizado em comum, “na mesa eucarística, na mesa comum de estudo, na mesa da refeição comum e no trabalho inteligentemente planejado, perseverantemente executado” (Marins, 1966, p. 1660).

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* orienta a todos os chamados ao sacerdócio ministerial, que: “a exemplo de Cristo [...], amem o silêncio externo, necessário para o silêncio interior, para pensar e para o trabalho e tranquilidade de toda a comunidade” (n. 57). A partir da certeza de que a formação permanente do presbítero se desenrola de maneira progressiva e contínua, o silêncio é um caminho que precisa ser percorrido, um recurso a ser utilizado por todos, todos os dias.

O silêncio, pessoal ou comunitário, não é formativo por si mesmo. Segundo Cencini (2002), a prática do silêncio para a comunidade só “se torna formativa na medida em que a faz formativa seus componentes” (p. 103). Desse modo, em todos os espaços de encontro e de formação eclesial, o silêncio precisa ser valorizado como uma benéfica ferramenta para o relacionamento e a convivência dos presbíteros (PDV, 23).

1.3. Um eixo da comunhão ministerial

Na Igreja, o presbítero, trabalhando sob a força da obediência², tem a necessidade de saber escutar a porção do Povo de Deus que lhe foi confiado. Dentro da dinâmica pastoral não é possível elaborar um planejamento participativo sem que seja por meio do diálogo, ou seja, da mútua escuta. O Documento de Aparecida afirma que se constitui uma urgência, “hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial” (DA, 368). A esse respeito destaca Ortíz (2010):

² Do latim “ob-audire”: submeter-se livremente à palavra escutada. Uma ação que se concretiza na medida em que a escuta é atenta e acolhedora; é uma virtude ativa: inquire a quem escuta quanto à sua capacidade de submeter-se à palavra ouvida (CCE, 143-144).

A Igreja é ontologicamente ministério e, portanto, todos os seus membros têm o dever e o direito de participar em sua vida e missão. Tudo na Igreja, no contexto de comunhão, é participação [...]. Uma das tarefas que se confia aos presbíteros é o de promover a participação de todos os membros da comunidade eclesial, de acordo com seus carismas, serviços e ministérios (p. 60).

Como a presença dos presbíteros junto às comunidades eclesiais não deve estar restrita aos aspectos administrativos, todos os espaços eclesiais devem servir à comunhão e ao diálogo. Desse modo, a ação pastoral se tornará fruto da participação dialogada e da colaboração ativa (PDV, 43). De acordo com o Decreto Optatam Totius, “nenhum presbítero pode realizar suficientemente a sua missão, isoladamente [...]. O ministério sacerdotal, porém, sendo ministério da própria Igreja, só se pode desempenhar em comunhão hierárquica com todo o corpo” (n. 7).

2. A pedagogia do silêncio na prática espiritual

Jesus ensinava aos seus discípulos o valor da oração através de sua vida e de suas ações (Santo Domingo, 21). Desse modo, o presbítero, convidado a continuar a “missão de Cristo, não pode deixar de se sentir chamado a imitar ao Mestre orante que buscava no silêncio da oração um modo de unir-se à vontade do Pai e interceder a Ele pelos homens” (PCAL, 2009, p. 134). Recorda o evangelista: “Tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora ao teu Pai que está lá, no segredo” (Mt 6,2).

Os muitos que recorrem ao Sacerdote, enquanto ministro, não o fazem somente porque ele domina a doutrina moral, mas pelo desejo de encontrar nele um homem disponível e confiável com o qual se partilha aspirações e dores da vida. Desse modo, ao presbítero é necessário ouvir muito; saber “falar a linguagem de seus contemporâneos, perceber suas angústias, entrar em seus problemas, compreender seus anseios” (Marins, 1966, p. 119). Assim ressalva o Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros:

A vida do presbítero está exposta, hoje mais do que nunca, a uma série de solicitações que poderiam conduzi-la para



um crescente ativismo exterior, submetendo-a a um ritmo, por vezes, frenético e irresistível [...] A exemplo de Cristo, o sacerdote deve saber manter a vivência e a abundância dos momentos de silêncio e de oração para, mediante eles, cultivar e aprofundar uma relação existencial com a pessoa viva do Senhor Jesus (n. 40).

Afirma-se que é no calar dos impulsos que surgem “as possibilidades da verdadeira comunicação ou relação com a realidade e com as pessoas” (Martín, 2008, p. 226). Nesse contexto, momentos de deserto e de positiva solidão devem constar no cotidiano dos presbíteros, tais ocasiões possibilitarão seu crescimento humano e, sobretudo, espiritual.

2.1. Um item do projeto pessoal de vida

No contexto moderno, o som vem sendo associado ao sucesso e, cada vez mais, aparece o silêncio atrelado ao fracasso (Urdanivia, 1996). Tal visão acaba conferindo ao silêncio, também no meio presbiteral, uma imagem de improdutivo. Ao contrário disso, São João da Cruz afirma que o silêncio é o processo pelo qual a pessoa humana se esvazia dos próprios sentidos, despoja-se de si mesma e pelo qual ela pode se abrir à escuta acolhedora de Deus (Doig, 1991).

É por meio do silêncio que alguém pode aprender a “estar” inserido, de forma consciente, na realidade, vivendo em plenitude o momento presente, isto é, sem se deixar dominar pela carga das ocupações e dos deveres (Villa, 2009). Por isso, é possível entender melhor o porquê de o silêncio ser considerado fonte do verdadeiro louvor (Sl 65,2). Conforme afirmação de Doig (1991):

O silêncio continua sendo, como sempre, um caminho seguro para o ser humano se aproximar do Senhor. Assim foi desde os tempos quando Maria acolheu em seu coração silencioso o anúncio de que seria a Mãe do Redentor e também ao longo dos dois mil anos da história de fé [...]. Apesar de que a sociedade não seja habituada a fazer silêncio, o Senhor permanece falando silenciosamente. Como no princípio, Ele segue esperando a resposta de um coração que saiba escutá-lo (p. 276).

O Concílio Vaticano II confirma que “os presbíteros atingem a santidade pelo próprio exercício do seu ministério” (PO, 13). No entanto, “é evidente que o presbítero não se santifica automaticamente no exercício do ministério” (Melguizo, 2009, p. 119) e, em decorrência dessa verdade, é indispensável sistematizar e seguir um plano de formação permanente que valorize o silêncio como um meio educativo da vida ministerial dos presbíteros. Todo “ser humano normal, sadiamente religioso, precisa de períodos em que possa ficar consigo mesmo, diante de Deus” (Lepargneur, 1995, p. 611).

2.2. Uma proposta ou prática penitencial

Aqui, ao se buscar dizer algo sobre o silêncio no Sacramento da Reconciliação é justo levantar algumas breves considerações a respeito da direção espiritual³. Mesmo considerando que não só os presbíteros podem ser diretores espirituais, nesse texto, far-se-á direta referência a eles pelo fato de serem os que, ordinariamente, acompanham o movimento espiritual das comunidades.

Uma primeira questão a ser pontuada é da importância de se restaurar o tempo e a promoção da direção espiritual na Igreja. No tocante aos presbíteros, Baroffio (1987) afirma; “se o sacerdote, através da meditação da palavra, encontra pessoalmente a Deus, sentirá a urgência desse serviço, mas isso implica uma devotada vida de oração e silêncio, escuta e interiorização” (p. 1776).

Enquanto subsistir a tendência de fazer do Sacramento da Reconciliação um momento de conversa ou desabafo, sempre se incorrerá no risco de transformar a escuta sacramental em orientação psicológica (Sovernigo, 2007). Embora conversar e confessar simultaneamente não constitui uma total contradição, tal prática não deixa de desfocar e/ou afanar a ação pastoral dos presbíteros.

Nessa prática sacramental, o silêncio do confessor para com o penitente deve refletir sincero acolhimento e o maduro controle sobre os excessos da fala (Doig, 1991). Ao mesmo tempo em que “saber

³ “Ajuda dada por um cristão a outro, ajuda essa que capacita este outro a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a responder a esse Deus pessoalmente comunicante, a aumentar a sua intimidade com ele e a viver as consequências desse relacionamento” (Barry & Connolly, 1987, p. 22).



ouvir” é um dever dos clérigos, também, se constitui um direito dos leigos e, conseqüentemente, um imperativo pastoral (Directório para a vida e ministério dos presbiteros, 39).

O tempo que se dá à escuta não deve ser um mero resultado da sobra cronológica, mas o resultado da ordem e da disposição interior que todo presbítero precisa ter. Diga-se, ainda, que no Sacramento da Reconciliação, muitas vezes, o silêncio do confessor poderá ser mais significativo e vivificante que mesmo sua palavra (Colodro, 2004). Como observa Sovernigo (2007):

É necessário que o Confessor saiba fazer silêncio dentro de si mesmo [...]. Escutar uma confissão é antes de tudo se esforçar por escutar o que se diz realmente, captar a mensagem, decodificá-la para captar o significado que ela tem para aquele que fala [...]. Para realizar uma escuta, qualitativamente, positiva é necessário decidir ser o primeiro a ouvir (pp. 107-109).

2.3. Um elo litúrgico-sacramental

“O Senhor está em seu templo santo: silêncio diante d’Ele, ó terra inteira” (Hab 2,20). A Igreja à medida que acentua seu ritmo litúrgico dá a conhecer que tal prática deve estar acompanhada de um silêncio que favoreça e alimente o encontro. Em toda oração litúrgica o silêncio é a ação que integra e harmoniza o espírito comunitário (Doig, 1987). É esse silêncio, nas celebrações sacramentais, que alcança explicar o inexplicável, transmitir o absoluto, figurar o infinito (Zuloaga, 1990), dar cadência ao ritmo comum do que se celebra (Sartore, 1987). **Sem silêncio não se escuta, não se recebe.**

Em uma cultura onde poucos valorizam o silêncio e na qual quase ninguém aprecia ficar sozinho consigo mesmo muitos apontam o silêncio como o mais perturbador de todo os sons (Urdanivia, 1996). Através do silêncio o presbítero pode não só instruir uma comunidade, mas também se permitir por ela ser educado, como frisa a Sacrosanctum Concilium: “para promover a participação ativa, cuide-se de incentivar as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes. E seja

também observado, a seu tempo, o silêncio sagrado” (n. 30). Nesse mesmo sentido, ressalta Martín (2008):

O silêncio é eloquente, hospitaleiro, personalizante e possibilita, dentro do desenvolvimento comunitário da ação litúrgica [...]. A invasão verbal, os avisos desconexos, as munições excessivas, as preces intermináveis, as homilias prolongadas, o canto sem qualidade, a falta de ordem, de limpeza, de respeito vão contra a linguagem do Mistério que se expressa no silêncio (pp. 227-228).

3. A pedagogia do silêncio na dimensão pastoral-missionária

O silêncio não pode ser enquadrado como uma disciplina acadêmica, pois sua aprendizagem somente se dá na escola da vida. No contexto da nova evangelização, o silêncio é determinante para que o “outro” tenha preferência sobre o “nós” e o “meu” não se anteponha ao bem dos “outros” (Salvador, 2008); é a primeira atitude do missionário, pois somente pode falar bem aquele que, inicialmente, tenha aprendido a calar (Cruz, 1997).

Ao discípulo missionário de Jesus Cristo é necessário reencontrar no silêncio um método evangelizador: anunciar pela escuta. Quem evangeliza não somente é um pregador, mas um contemplativo. E sobre a contemplação, afirma Béthune (1995):

É outra maneira de sentir, ver e conhecer [...]. Essa atitude se caracteriza, principalmente, pela acolhida [...] não apenas daquilo que se impõe, à primeira vista, mas, igualmente, da parte mais secreta, escondida, oculta, ou mesmo obscura; não somente o furacão, o tremor de terra ou o fogo, mas, sobretudo o murmúrio/sussurro de uma brisa amena e suave (1Rs 19,22). Estas atitudes de abandono, acolhida e consentimento induzem a uma conaturalidade com o silêncio. Situa, de certo modo, a pessoa contemplativa ao ponto em que o silêncio pode ser ouvido. Assim, permite-se descobrir como é grande o mundo do silêncio e, neste sentido, a prática contemplativa amplia consideravelmente não só o campo da consciência, mas permite perceber [...] o estofo da realidade (p. 731).



Recordando São Gregório Magno (1993), diga-se que “é necessário ao pastor ser puro de pensamento, exemplar no agir, discreto no seu silêncio, útil na palavra; que seja próximo de todos por sua compaixão e, mais do que todos, dedicado à contemplação” (p. 196). Assim, os presbíteros podem fazer da prática do silêncio “de um lado, uma fonte de santidade e, de outro, um chamado à santificação” (Melguizo, 2009).

3.1. Um eixo do trabalho conjunto

O presbítero é chamado a desempenhar papel de interlocutor e ser um vínculo de comunhão entre as pastorais, grupos e movimentos da comunidade. Considerando que a pessoa que sabe escutar jamais utiliza sua fala impositivamente, também o presbítero deve saber transformar seu discurso, às vezes necessário, em um diálogo permanente com o outro (Freire, 2003). São diversas as circunstâncias pastorais que exigem (e exigirão) do presbítero uma escuta que se anteponha aos seus pronunciamentos.

O silêncio, como instrumento evangelizador, “é uma via pessoal e prática: pessoal no sentido em que cada um faz seu itinerário; e prática porque somente pode ser compreendido a partir de uma concreta e perseverante experiência” (Chialà, 2011, p. 08). É esse silêncio, seriamente assumido, que proporciona o recuo da pessoa em relação a si mesma, o reconhecimento dos próprios limites e a necessidade da comunhão com os demais (Lepargneur, 1995). Como ressalva März (1979):

A verdadeira educação nasce da preocupação pela salvação do indivíduo, porém esta não se encontra no isolamento monológico. O homem precisa necessariamente dos demais [...]. Toda educação busca a autorrealização válida e justa da pessoa que se faz possível na vida comum com outras pessoas (pp. 139-141).

3.2. Um fio condutor da ação social

Um dos adjetivos mais fortemente atribuídos ao presbítero é o de comunicador e, ainda que não o seja de forma técnica, o é de maneira eclesiológica. No entanto, não pode ser considerado autêntico ministro ou profeta do Senhor aquele que, antes de planejar ações

e ordenar discursos, não saiba, no silêncio, contemplar as situações que o rodeia. De acordo com Nava (2012):

Quando Elias ouve a Deus no silêncio – não em poderosas manifestações da majestade de sua natureza –, demonstra uma qualidade que marcaria intensamente todos os clássicos profetas judaicos: a capacidade de escutar verdades e revelações no que é inaudível para a maioria. O profeta tem um ouvido para os gemidos fracos e emudecidos [...], por tanto, sua capacidade de escuta tem uma significação e uma configuração ética; sua capacidade de escuta exige e inspira solidariedade com os pobres e necessitados, com os oprimidos e destituídos (p. 6).

A Igreja, em seus pastores e teólogos, ensina que é necessário se dispor a investigar e ouvir os sinais dos tempos e, atentamente, saber discernir e interpretar as várias linguagens que permitam reconhecer, na evolução social, as interpelações divinas (GS, 4; 44). Não é sem razão que se oriente os presbíteros a que façam uso de uma linguagem “próxima da realidade que o povo enfrenta, de sua mentalidade e religiosidade, de tal sorte que possa ser facilmente captada” (DP, 1091).

Embora existam esquemas que estereotipam a pessoa silenciosa como alguém que não abre os olhos, que não vê e que não é deste mundo; uma pessoa assustada que não sabe avaliar ou que não tem os pés no chão da realidade, a pessoa educada no silêncio é aberta e atenta à realidade social; tem bases sólidas, não se assusta com pouca coisa, não tem medo dos acontecimentos e não fica presa a eles, “mas sabe analisar, situar e direcionar bem cada situação. A pessoa silenciosa é profunda e olha sem ser curiosa ou indiscreta; olha para contemplar, para chegar ao coração da realidade” (Ginel, 2002, p. 29).

É pelo silêncio que se torna possível “descobrir o espírito de Deus no espírito humano e [...] reconhecer os caminhos de Deus em cada pessoa” (Grün, 2006, p. 14). Essa pedagogia, integrada aos cuidados pastorais, permite ao presbítero conhecer e acolher aqueles que vivem subjugados ou oprimidos, silenciados. Por isso, imaginar um presbítero isolado ou apartado da realidade e do mundo seria uma contradição à vocação sacerdotal.



3.3. Um elemento da formação permanente

Na ação ministerial do presbítero o silêncio pode facilitar, ainda mais, sua comunicação com a comunidade, amadurecer sua vida espiritual, educar sua vontade própria e sustentar sua capacidade de contemplação (Barbiero et al., 2000). Para isso, é preciso que o presbítero esteja convencido de que o silêncio pode ser um auxílio diário, especialmente, frente aos perigos do ativismo administrativo. Assim, para alguém crescer nesse processo de bem lidar com o silêncio é preciso ter períodos onde possa calar e, junto a isso, saber discernir os momentos propícios para falar (Chialà, 2011). Segundo Bento XVI (2011b):

A vida moderna pode parecer um grande protesto contra o silêncio porque o progresso técnico, especialmente dos transportes e das comunicações, tem tornado a vida do homem mais confortável, mas também mais agitada, às vezes, confusa. As cidades são quase sempre ruidosas: raramente existe silêncio nelas, porque sempre persiste um ruído de fundo.

O Decreto Presbyterorum Ordinis recorda que os presbíteros, “fazendo as vezes do Bom Pastor, encontram no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz a uma unidade entre vida e ação” (n. 14). Nesse sentido, é importante considerar que o silêncio, mais que um notório ato do intelecto, é expressão de um agir que não se sustenta somente do muito falar, mas do prudente “saber dizer”. Blanch (1987) afirma:

Como hoje vivemos em uma civilização dos ruídos, dominada pela indústria do som e da imagem, o indefeso cidadão se encontra mais desprovido que nunca para um tipo de comunicação silenciosa [...]. O silêncio para consigo mesmo e frente aos outros serve como preparação para o silêncio religioso que, por sua vez, possibilita a superação de atitudes narcisistas ou dominadoras, abrindo-o a uma relação com o Outro absoluto (p. 651).

4. Uma pedagogia testemunhal

Para o presbítero, “a procura do silêncio e de espaços e tempos de ‘deserto’ é necessária à sua formação permanente, quer no campo intelectual, quer no campo espiritual e pastoral” (PDV, 74). Esta experiência, efetivada através da leitura, meditação e partilha da Palavra, dos retiros e outras práticas espirituais, da correção fraterna e revisão de vida, dos projetos e encontros pastorais, tende a fortalecer a dimensão comunitária da Igreja e, conseqüentemente, de todo o presbitério (Cencini, 2002).

O silêncio precisa ser visto como parte integrante do perfil e da formação presbiteral. Ao discípulo de Jesus Bom Pastor é necessário saber ouvir com atenção a verdade presente no outro; fomentar um tipo de comunhão que vá além dos muitos discursos (Luna, 1995).

Como o modo de agir do presbítero, geralmente, é uma referência para a comunidade, seu silêncio se tornará um ensinamento para os outros à medida que tal prática confirme que o acesso a alguns “espaços sagrados” somente pode se dar sem o uso das palavras. Pela via do bom silêncio, o presbítero pode transformar seu diálogo em uma legítima fórmula de evangelização (Sciadini, 2003). Como o reafirma Bento XVI (2011a):

O silêncio constitui a condição ambiental que melhor favorece o recolhimento, a escuta de Deus, a meditação. Já o próprio fato de nos deleitarmos com o silêncio, de nos deixarmos, por assim dizer, “cumular” do silêncio, predispõe-nos para a oração [...]. Deus fala no silêncio, mas é preciso saber ouvi-lo.

Em um mundo onde “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN, 41), os presbíteros devem ser os primeiros na vivência do silêncio, assumindo-o com disposição. Como um permanente elemento formativo o silêncio, junto à palavra, muito favorece a eficácia do serviço e do diálogo, do ministério e da pastoral dos presbíteros (Béthune, 1995).



Conclusão não conclusiva

Partindo da constatação de que o silêncio fundamenta a linguagem humana, supera-se o conceito que o restringia a um simples cessar verbal. Desse modo, o silêncio não se opõe ao uso da palavra, mas, antes de tudo, se constitui uma expressão que muito oculta e muito revela. Deus mesmo, atrás do silêncio não foge nem se omite, mas, por ele, se manifesta eloquente comunicador.

Como ressalta Villa (2009), o “silêncio na vida monástica, como na vida religiosa, sacerdotal ou laical é um bem na medida em que leva a uma melhor qualidade no uso da palavra” (p. 86). Por isso, afirma-se que tal pedagogia é basilar ao processo de formação sacerdotal, nas suas diferentes etapas e dimensões formativas. O exercício do silêncio pode habilitar o aluno ou o presbítero a discernir quando é necessário calar ou falar e, além do mais, qual a melhor forma de fazer um e outro.

O silêncio enquanto pedagogia é um meio que facilita o crescimento do ser humano (März, 1979). Na vida e mistério dos presbíteros, o silêncio precisa se constituir e permanecer uma testemunhal demonstração de acolhida e atenção, uma expressão não verbal de sua caridade pastoral e uma eficaz forma de comunicação; uma forma de ensinar, um meio de aprender.

Referência bibliográfica

- SOUSA E SILVA, Aerton Marcos de. (2012). O silencio instrumento pedagogico no processo de formacao sacerdotal. Bogotá: SE. (Trabajo de grado para obtener el título de Licenciado Canónico en Teología con énfasis en Formación Sacerdotal) Universidad Pontificia Bolivariana, UPB; Instituto Teológico Pastoral para América Latina, ITEPAL. Bogotá. Co.
- Barbiero, L., Recondo, J., Alvarez, C., Juliao, C. & Mariño, I. (2000). Formación espiritual para el Presbítero del tercero milenio (2ª ed.). Bogotá: CELAM.
- Barry, W. & Connolly, W. (1987). A prática da direção espiritual (2ª ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Baroffio, B. (1987). Sacerdocio. En Canals, J. (Ed). Diccionario de Liturgia (pp. 1753-1777). Madrid: Paulinas.

- Bento XVI (2011a). O homem em oração: os “oásis” do espírito. Recuperado de http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiencias/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110810_po.html. (2011b). En el silencio se encuentra lo esencial. *L'osservatore Romano*. 43 (42), 08.
- _____. (2012). Silêncio e palavra: caminho de evangelização. Recuperado de http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day_po.html
- Béthune, P. (1995). Para uma teologia do silêncio. *Grande Sinal*, 6 (49), 729-738.
- Biblia de Jerusalén. (1967). Bilbao: Descleé de Brower.
- Blanch, A. (1987). Necesidad del silencio. *Razón y Fe*, 215 (1064), 643-652.
- Catecismo da Igreja Católica (1993). Petrópolis: Editora Vozes.
- Cencini, A. (2002). *La formación permanente* (2ª ed.). Madrid: San Pablo.
- Chialà, S. (2011). *Silenzi: ombre e luci del tacere*. Magnano: Qiqajon.
- Colodro, M. (2004). *El silencio en la palabra*. México: Siglo XXI. Recuperado de http://books.google.com.br/books?id=FQ1xkKDh6TgC&printsec=copyright&hl=pt-BR&source=gbps_pub_info_s&cad=3#v=onepage&q&f=false
- Concilio Vaticano II (2001). *Documentos do Concilio Vaticano II* (2ª ed.). São Paulo: Paulus.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2010). *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB.
- Congregação para o Clero (1994). *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. São Paulo: Edições Loyola.
- Congregación para la Educación Católica (1985). *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. En *La formación sacerdotal: documentos eclesiales 1965-2000*. (3ª ed.). (Pp. 345-413). Bogotá: CELAM.
- Cruz, M. (1997). Esa mirada que escucha. *El País*. Recuperado de http://elpais.com/diario/1997/11/05/opinion/878684404_850215.html
- Dall’Agnol, S. G. (2007). *Silêncio: identidade, consciência, diálogo e paz*. Porto Alegre: EST.
- Documento de Aparecida (2007). *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus.



- Documento de Puebla (2004). En CELAM (Comp.). Las cuatro Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano. (Pp. 259-577). Bogotá: CELAM.
- Documento de Santo Domingo (2004). En CELAM (Comp.). Las cuatro Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano. (Pp. 581-754). Bogotá: CELAM.
- Doig, G. (1987). El silencio: una pedagogía de la voluntad. Lima: APRODEA.
- _____. (1991). San Juan de la Cruz y el silencio. Revista Teológica Limense, 25 (2), 275-286.
- Favale, A. (2005). Presbítero. En Borile, E., Cabbia, L., Magno, V. & Rubio, L. (Dirs.). Diccionario de Pastoral Vocacional (pp. 919-932). Salamanca: Sígueme.
- Fisichella, R. (1992). Silencio. En Latourelle, R., Fisichella, R. & Pié-Ninot, S (Dirs.). Diccionario de Teología Fundamental (pp. 1368-1375). Madrid: Paulinas.
- Freire, P. (2003). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (37ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Gerardi, R. (1989). El ministerio pastoral del presbítero. Valencia: EDICEP.
- Ginel, A. (2002). Educar en el silencio. Misión Joven, 42 (310), 21-32.
- Grün, A. (2006). Ordem: vida sacerdotal. São Paulo: Edições Loyola.
- João Paulo II (2000). Pastores Dabo Vobis: Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Formação dos sacerdotes (4ª ed.). São Paulo: Paulinas.
- Lepargneur, H. (1995). Do ruído nocivo ao silêncio de Deus. Convergência, 30 (287), 605-613.
- Luna, J. (1995). Logoterapia: un enfoque humanista existencial fenomenológico. Bogotá: San Pablo.
- Marins, J. (1966). Presbítero hoje. São Paulo: Editora Ave Maria.
- Martín, J. (2008). Los lenguajes de la oración. En Instituto Superior de Pastoral: Lenguajes y fe (pp. 195-251). Navarra: Verbo Divino.
- März, F. (1979). Introducción a la pedagogía (2ª ed.). Salamanca: Sígueme.
- Melguizo, G. (2009). *¿Vale la pena ser sacerdote hoy?* (2ª ed.). Bogotá: CELAM.
- Moro, C. (1997). A formação presbiteral: em comunhão para a comunhão. Aparecida: Editora Santuário.

- Nava, A. (2012). Silêncio do deserto, silêncio de Deus. *Cadernos Teologia Pública*, IX (67), 06-18.
- Ortíz, L. (2010). *La formación discipular: una formación atenta a dimensiones diversas*. Bogotá: CELAM.
- Paulo VI (1975). *Evangelii Nuntiandi. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo* (13ª ed.). São Paulo: Paulinas.
- Pontificia Comisión para a América Latina (2009). *La formación sacerdotal en los seminarios de América Latina*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Salvador, A. (2008). *Formación presbiteral. Inicial y permanente*. Bogotá: CELAM.
- São Gregório Magno (1993). *Regla Pastoral*. Madrid: Ciudad Nueva.
- Sartore, D. (1987). Silencio. En Canals, J. M. (Ed). *Diccionario de Liturgia* (pp. 1921-1930). Madrid: Paulinas.
- Schinella, I. (2005). Silencio. En Borile, E., Cabbia, L., Magno, V. & Rubio, L. (Dir.). *Diccionario de Pastoral Vocacional* (pp. 1050-1060). Salamanca: Sígueme.
- Sciadini, P. (2003). Silêncio: a linguagem universal. *Grande sinal*, 57 (1), 101-103.
- Serra, R. (2001). *El lugar del silencio en el proceso de la comunicación*. (Tese doctoral, Universitat de Lleida). Recuperada de <http://www.tesisenred.net/handle/10803/8173>
- Sovernigo, G. (2007). *Aspecto humano de la confesión – la persona y la acción del confesor y del penitente*. Bogotá: San Pablo.
- Tomaz, A. (2008). *Interpretações para o silêncio: por uma abordagem pragmática dos sinais não verbais* (Tese de Mestrado). Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- Torralba, F. (2002). Pedagogía del silencio. *Misión Joven*, 42 (310), 13-19.
- Urdanivia, E. (1996). Acerca del silencio. *Páginas*, 21 (140), 84-87.
- Villa, R. (2009). *Silencio que reestructura* (2ª ed.). México: San Pablo.
- Zuloaga, I. (Ed.). (1990). Pedagogía. En Benito, A. (Dir.). *Diccionario de Ciencias de la Educación* (pp. 1627-1628). Madrid: Paulinas.